

LEIVA, Antonio Domínguez. El labirinto imaginario de Jan Potocki. Manuscrito encontrado en Zaragoza (Estudio crítico). Madrid, UNED, 2000, 468 pp.

Resumo: A resenha trata do livro *El labirinto imaginario de Jan Potocki* que estuda o *Manuscrit trouvé à Saragosse* a partir das relações História-Literatura e da crise na pós-modernidade.

Palavras-chave: *Manuscrit trouvé à Saragosse* - Relações História-Literatura - Pós-Modernidade - Crise

O livro de Antonio Domínguez Leiva provém de seu segundo doutorado, pela UNED (Universidad Nacional de Educación a Distancia). Na verdade, como escreve no início da introdução, este trabalho é fruto de reflexões que fizera na sua tese anterior sobre o imaginário da morte no Ocidente, "La decapitación en el arte y la literatura de Occidente desde finales de la Edad Media hasta la postmodernidad". O que norteia são a crise do final do século das Luzes, que gerou a modernidade, e a crise dos tempos pós-modernos, que talvez a tenha sepultado. É por meio do espelhamento das duas crises (da modernidade e da pós-modernidade) que é construída a tessitura de *El labirinto imaginario de Jan Potocki*. Manuscrito encontrado em Zaragoza (Estudio Critico).

O texto se propõe a analisar o *Manuscrito encontrado em Saragoça*, novela composta na virada do século XVIII, ambientada na Espanha, escrita em francês pelo diplomata, viajante e fidalgo polonês, Jan Potocki. Para além desses espaços topográficos e nacionais múltiplos- bem ao gosto dos estudos europeus após a União Européia -, a novela é apresentada por Domínguez Leiva como uma obra que mistura gêneros e estilos (gótico, rococó, barroco, romântico, neoclassico...) e que se situaria no limiar do Iluminismo e do Romantismo. A estrutura labiríntica e hipertextual da novela, com suas múltiplas influências e referências (do racionalismo ao talmudismo), o embate na narrativa entre o particularismo e o caráter universalizante, somados aos múltiplos entre-lugares e intertextos, fazem com que, em sua conclusão ("Summa narrativa"), Domínguez Leiva afirme, paradoxalmente, que o *Manuscrito encontrado em Saragoça* se tornou "un auténtico clásico postmoderno" (p. 419).

Para chegar a essa afirmação, enfrenta o labirinto do *Manuscrito* propondo um fio de Ariadne (p. 51) que guia a leitura por um caminho analítico bastante compartimentado. Em capítulos bem nutridos e organizados de modo didático (às vezes em demasia), apresenta o autor, a obra, o contexto e a recepção da obra (no capítulo 1), os elementos narrativos (capítulos 2 a 6), as tópicas ou temas principais (capítulo 7 a 9) e as influências do Manuscrito e sua relação com os estilos literários da época (capítulo 10). Permeando sempre os capítulos a dupla preocupação em entender a mentalidade da época - instante no qual se filia à escola historiográfica francesa dos *Annales* e, mais remotamente, a uma

Geistesgeschichte - e em se posicionar (e a sua leitura da obra) diante da crítica em crise na pós-modernidade - momento no qual se lança aos trabalhos pós-estruturalistas franceses e na hermenêutica nominalista.

Exemplo mais bem acabado da primeira preocupação é o capítulo que dedica ao tempo ("Un universo diegético"). Leiva articula o tempo narrativo da novela com a percepção do tempo newtoniano, o sentimento de decadência presente na historiografia espanhola e na visão européia da Espanha, os labirintos temporais barrocos e rococós e o tempo subjetivo do indivíduo que nascia. Temporalidades por vezes conflitantes, mas que estavam presentes na "crise da consciência européia". Expressão esta cunhada por Paul Hazard" em livro clássico de mesmo título para explicar o fim do século XVII e o surgimento das Luzes, Leiva faz avançar os limites, implicitamente, da "crise da consciência" para todo o XVIII fundindo-a com a crise do Antigo Regime. Em outras palavras, ao esgarçar a crise do XVII ao XVIII, utiliza Hazard como uma base operacional que instrui sua compreensão da mentalidade do outono do Antigo Regime. É a procura dessa(s) mentalidade(s) de crise(s) que organiza a leitura do *Manuscrito*.

Anunciada desde o título do primeiro capítulo ("El *Manuscrito* en su mentalidad histórica"), a busca por entender a mentalidade para poder compreender a obra - e vice-versa - responde a um debate entre as relações História-Literatura. No item "Horizonte crítico de la História", o autor faz um curto e preciso comentário sobre a história literária e suas teorias, do final do século XVIII até hoje, traçando as diferentes posições acerca dos imbricamentos entre obra literária e processo histórico. Abdicando de um recorte mais teórico ou de uma discussão sobre mimese e representação, ele procura mostrar como um novo modo de entender a literatura - menos ligada à retórica e a narratividade e mais imbuída de um questionamento sobre a sociedade - permitiu postular um espírito de uma época, ou mesmo, o próprio conceito de época, que, depois, se desenvolveu na 'Geistesgeschichte', História das Idéias, História das Mentalidades, História Cultural. Nesse percurso, mostra como o *Manuscrito* participou enquanto um dos pontos iniciais desse debate na virada do XIX e propicia um viés privilegiado para entender o desenrolar dessas relações: "A la hora, pues, de intentar relacionar la obra novelística de Potocki con la historia y sociedad de su época, nos situamos en una larga tradición crítica que pasa del positivismo a la sociocrítica y los «cultural studies»." (p. 50)

Partindo dessa assunção, que toma o *Manuscrito* tanto como obra-chave da mentalidade dessa época quanto 'objeto' adequado para compreender os embates da crítica até (e sobretudo) hoje, o livro se propõe a tentar superar ou contribuir para solucionar as aporias geradas pela crise da pós-modernidade no caso da relação entre História e Literatura. Por ser uma obra de limites, uma novela de entre-lugares, enfim um texto de crise, o estudo do *Manuscrito* obrigatoriamente pediria que seu crítico encarasse ou lidasse com essas questões. Para compreendê-la, seria necessário superar os impasses (ou parte deles). A solução apontada por Dominguez Leiva é sobretudo metodológica e está refletida, em parte, na mencionada estrutura dos capítulos. Desvendar o(s) labirinto(s) é desmontá-lo(s) percebendo sua estrutura formal, tópica, temática enquanto uma construção dialética da obra literária-processo histórico - daí a importância da percepção das mentalidades - e, ao mesmo tempo, desfiar a rede hipertextual da narrativa, das leituras, das citações, das influências e das convergências. Desmontar o labirinto, ainda mais um de espelhos, para buscar um duplo caminho interpretativo (da obra

e da crítica) transforma-se, portanto, em tarefa meticulosa. Às vezes, porém, Teseu assume ares de Dédalo; os capítulos se perdem na planta da construção e o *Manuscrito* se torna mero fio condutor de uma outra busca, uma metabusca, diríamos.